

IDEALISMO OU CÁLCULO?

Nicolas Sarkozy diz que decidiu agir contra Muammar Gaddafi por razões humanitárias. Mas há quem veja aí uma tentativa de evitar o naufrágio do projeto de reeleição em 2012

PAULO NOGUEIRA, DE PARIS



**SARKOZY VÊ
A GUERRA NUM
PORTA-AVIÃO:**
*não é fácil a missão de
derrubar Gaddafi*



PHILIPPE WOJAZER/POOL/AP PHOTO

“**A** FRANÇA DE SARKOZY EN-
LOUQUECEU?” Este é o
título de um artigo publi-
cado, nestes dias, na mí-
dia americana. Não exist-
tem, pelo menos até aqui, evidências que
sugiram que a França deva procurar um
alienista urgentemente. Mas que alguma
coisa importante mudou, e mudou profun-
damente, isso é inegável. Pela pri-
meira vez na história da Quinta Repú-
blica, moldada pelo presidente Charles
De Gaulle em 1958, a França está metida
simultaneamente em três guerras. Tropas
francesas estão, neste momento, no
Afeganistão, na Costa do Marfim e —
com grande estardalhaço — na Líbia.

O Afeganistão é um caso à parte, é ver-
dade. A França apenas seguiu, ali, os
ditames da ONU — e sua presença tem
sido a de um coadjuvante. Mas na África
— onde se localizam a Líbia e a Costa do
Marfim, dois países que enfrentam guer-

de sangue”, disse Lévy. Em pouco tempo,
jatos militares franceses estavam prepa-
rados para atacar as forças de Gaddafi.

Não demorou muito, também, para
que uma questão emergisse: a presteza
com que Sarkozy atirou a França no
combate a Gaddafi é fruto de um genuí-
no espírito libertário ou de um estudado
cálculo político? Em favor da primeira
hipótese, falam os ecos históricos de um
país que consagrou, antes de todos os
outros, os ideais da liberdade, da igual-
dade e da fraternidade. Em favor da se-
gunda, fala a complicada situação polí-
tica de Sarkozy. A um ano das eleições
presidenciais nas quais concorrerá ao
segundo mandato de cinco anos, Sarko-
zy tem índices de popularidade que não
têm feito nada senão cair.

Apenas um entre cinco franceses acha
que ele está fazendo um bom governo.
Quando se instalou no Palácio dos Cam-
pos Elíseos, Sarkozy tinha a aprovação

Apenas um entre cinco franceses
apoia o trabalho de seu presidente. No
início do mandato, Sarkozy tinha apoio
de três em cada quatro cidadãos

ras civis — a França tem feito muito bar-
ulho e agido como real (e controvertido)
protagonista. Por motivos óbvios, a
maior polêmica em torno das ações fran-
cesas se dá em relação à Líbia.

O presidente Nicolas Sarkozy decidiu
ajudar militarmente os que se insurgiram
contra a ditadura de quatro décadas do
coronel Muammar Gaddafi antes mesmo
de receber luz verde da ONU. Sarkozy
seguiu as recomendações que recebeu,
por telefone, do excêntrico e influente
filósofo Bernard-Henri Lévy. Numa via-
gem ao Egito, Lévy fez uma pausa e foi
para o território controlado pelos rebel-
des na Líbia num momento em que a
repressão de Gaddafi parecia prestes a
esmagá-los. Na conversa com Sarkozy,
Lévy disse ter visto bandeiras francesas
entre os opositores. Se a França não fizer
nada, as bandeiras ficarão “manchadas

de três quartos de seus conterrâneos.
Sua impopularidade se traduz nas re-
centes pesquisas eleitorais. Duas delas
mostram que ele está ameaçado de nem
sequer ir ao segundo turno. (Como no
Brasil, os dois candidatos mais votados
no primeiro turno se enfrentam depois,
a não ser que o candidato vitorioso ten-
ha maioria absoluta de votos.)

NOVIDADES À ESQUERDA E À DIREITA

Sarkozy, com seu partido de centro, o
UMP, está acossado pelos dois lados.
Pela esquerda, o Partido Socialista apre-
senta a possível candidatura do econo-
mista Dominique Strauss-Kahn, diretor
executivo do FMI e um homem de gran-
de prestígio na França. Pela direita, Ma-
rine Le Pen, da Frente Nacional, tem
aparecido nas enquetes com intenções
de voto sem precedentes na conturbada

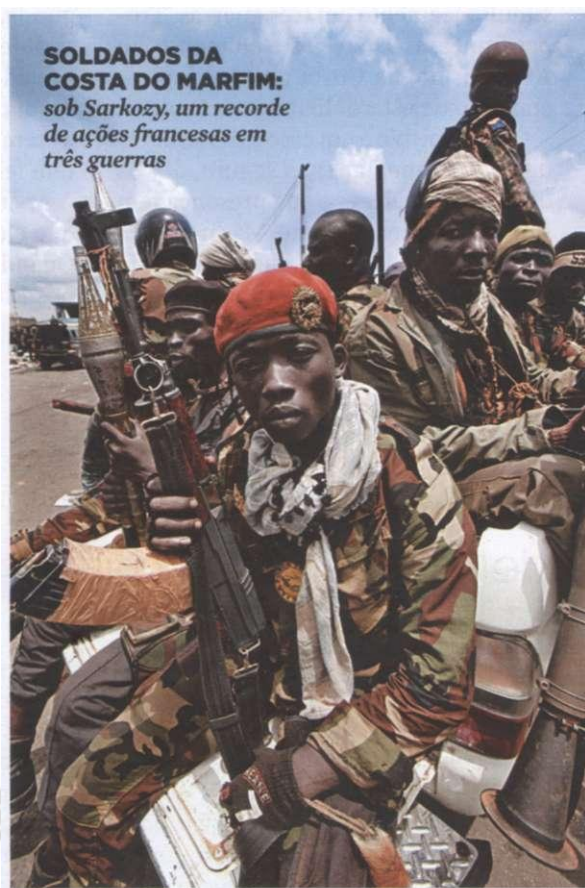
história de seu partido. Marine amorteceu consideravelmente a percepção de racismo que cercava a Frente Nacional na era de seu pai, Jean-Marie Le Pen. "A súbita paixão de Nicolas Sarkozy por operações militares desperta suspeitas de que ele esteja tentando compensar fora aquilo que perdeu em casa", escreveu recentemente um respeitado blogueiro francês.

Sarkozy chegou ao poder com a promessa de chacoalhar uma França que parecia mentalmente estagnada — com os inevitáveis desdobramentos na economia. Era um homem diferente sob vários aspectos. Ao contrário da maior parte dos presidentes franceses, não passara pela École Nationale d'Administration, fundada por De Gaulle em 1945 para abastecer de quadros os serviços públicos nacionais. Também não se constrangia, coisa rara entre os orgulhosos franceses, em elogiar abertamente o modelo anglo-saxão de capitalismo.

Era basicamente isso que prometia implantar na França. Seus planos perderam a força quando premissas importantes desse modelo pareceram estar na raiz da crise financeira planetária do final da década de 2010. Desregulamentação, antes uma palavra pronunciada num regime de louvor, passou a ser quase um anátema, sobretudo quando aplicada ao sistema financeiro. Bancos que tinham se aproveitado da desregulamentação para inflar espetacularmente seus lucros com manobras arriscadas acabaram tombando. Muitos só não desapareceram porque os governos intervieram com socorros multibilionários, destinados a evitar que os problemas acabassem contaminando a economia e trazendo mundo afora recessões ferozes.

A crise financeira como que tirou de Sarkozy a plataforma com a qual ele se elegera. "Ele é hiperativo, ele é ambi-

cioso, ele é um workaholic, ele nunca descansa", diz Anita Hausser, autora de uma biografia de Sarkozy. Ele é tudo isso. E é também, hoje, um presidente sem rumo. A pane econômica mundial parece ter mostrado aos franceses que, pensando bem, era melhor ficar do jeito que estavam — trabalho moderado, muitas férias, tempo para beber vinho, comer queijos, conversar e flunar em parques esplêndidos, como o Jardim du Luxembourg — do que aderir a uma



transformação radical inspirada no capitalismo anglo-saxão.

No ano passado, um projeto de Sarkozy de ampliação (ligeira) da idade prevista para a aposentadoria dos franceses enfrentou resistência épica das centrais sindicais francesas. A França é um exemplo raríssimo, no mundo contemporâneo, de país em que os sindicatos podem comandar greves em alta escala. O projeto afinal saiu, mas — como era de prever — em nada

contribuiu para o prestígio de Sarkozy.

Na falta de conquistas expressivas na Presidência, o maior troféu de Sarkozy, até aqui, é sua segunda mulher, Carla Bruni-Sarkozy. Mal iniciou sua jornada no poder, foi abandonado pela primeira mulher, Cécilia. Ela foi morar nos Estados Unidos, na companhia de outro homem. Com sua beleza exuberante e seu passado romanticamente frenético — em que teve aos pés astros do rock, como Mick Jagger e Eric Clapton, e no qual se declarou sexualmente uma poliandra, ou seja, admiradora de homens e mulheres —, Carla Bruni preencheu espetacularmente o vazio de primeira-dama na França. Credita-se a ela a ampliação do repertório de Sarkozy para além das fronteiras toscas da política, economia e esporte. Carla teria despertado no marido algum gosto pelas artes.

É um casal bem ajustado, aparentemente. Numa inconflidência, a primeira-dama americana, Michelle Obama, disse ter ouvido de Carla Bruni-Sarkozy que, numa visita à Inglaterra, ela e o marido chegaram tarde a uma recepção oferecida pela rainha porque se atrasaram fazendo sexo pela manhã. Carla traz glamour para Sarkozy, e aparentemente uma vida romântica sem tédio, mas não votos. Os franceses, até Sarkozy, estavam acostumados a presidentes cuja vida privada se passava longe da mídia, com absoluta discrição.

É dentro desse quadro que as ações militares — sobretudo na Líbia — podem render dividendos à candidatura claudicante de Sarkozy. Isso, é claro, se o objetivo de remover Gaddafi for alcançado. Passadas algumas semanas da decisão da ONU de apoiar militarmente os rebeldes líbios, está claro que tirar Gaddafi é muito mais difícil do que fora varrer ditaduras na Tunísia e no Egito. O que poderia ser uma solução para as pretensões de reeleição pode se converter num problema a mais para Sarkozy.